

Chire:

a fonte que secou para os bandidos armados

por João Carimo, em Quelimane

O rio Chire nasce no Malawi, no lago Chire, e entra para o nosso País pelas terras de Chiloma, no distrito de Morrumbala, a partir das quais estende o seu caudal, percorrendo a linha limítrofe, por Pinda, Chire, Megaza, ainda em Morrumbala, indo desaguar no distrito de Mopeia, na Zambézia, onde se encontra com as águas do grande Zambeze.

Em Megaza, o Chire, separa num espaço de cerca de cem metros lineares, o nosso País do Malawi. O Chire é, pois, a terra de ninguém que nunca chega a ser.

Populações dos dois países consideram o Chire um bem comum, usufruindo em comunhão pacífica de todos os seus recursos. Crianças do Malawi e de Moçambique banham-se nas águas do rio. Homens deste lado da fronteira e do outro pescam nas mesmas águas, e nelas também atofam a sua sede. O milho existente ao longo de cada margem é fertilizado pelas mesmas águas.

Todo este quadro de acções e de factos, comungados pelas populações dos dois países, conhece práticas tradicionais tão antigas como a idade do próprio rio. Tal como a idade do próprio rio, é também, o grau de solidariedade existente entre as duas populações, que dista já de há muitos anos.

Mulheres do Malawi atravessam o Chire, para, em Megaza e nas nossas moagens, moer o seu milho. O sal de Moçambique condimenta os pratos maiawianos, como padrões de algumas capulanas do país vizinho se encontram no corpo das nossas mulheres.

A afinidade da língua sena, falada pelas populações da zona fronteiriça dos dois países, torna mais coesa a aproximação e forte o entendimento entre as duas partes. Existem canções de pescadores que são comuns nos dois lados, alguns hábitos e práticas sociais, gémeos.

«Habitámo-nos a viver esta vida. Para nós, o Chire era de todos, até que vieram os bandidos e impediram-nos de beber da sua água», disse-nos um membro da população de Megaza.

Quando, em 1982, os bandidos armados penetraram no distrito de Morrumbala, transformaram o rio Chire, em Megaza, num local sinistro, onde a paz e a tranquilidade se tornou impossível, a vida para uma população trabalhadora e pacífica, uma tortura.

Nenhum elemento da população podia ser encontrado a beber das águas do rio, pelos bandidos, e se ousava pescar, era para abastecer os malfeteiros.

As mulheres que fossem banhar nas águas do Chire, eram violadas, humilhadas; os homens, utilizados como bestas de carga.

Quando chegámos ao rio Chire, ainda encontrámos nas suas margens algumas canoas da população inutilizadas pelos bandidos.

«Eles sentavam-se aqui e aguardavam pelas nossas mulheres e filhas, que depois agrediam e violavam», testemunhou um ancião, a tragédia por que passou a população de Megaza.

Mas o rio Chire jamais saciará a sede dos bandidos.

Hoje, só bebe da água do Chire quem a merece. Bebe-a o cidadão pacífico e trabalhador, bebe-a o combatente que defende a nossa soberania e integridade territorial. Bebe-a o aluno, quadro do amanhã, o camponês, o pescador que abastece e mata a fome da população com o seu trabalho.

Chire, é pois, a fonte que secou para os bandidos armados.

MORRUMBALA: A DETERMINAÇÃO DE UM DISTRITO

Morrumbala é um distrito da zona centro da Província da Zambézia. Com uma superfície de cerca de treze mil quilómetros quadrados, tem treze localidades, possuindo uma população de duzentos mil habitantes. De uma riqueza agrícola incalculável, o distrito de Morrumbala é riquíssimo em madeiras preciosas, para além de ser uma zona fértil e propícia à cultura do algodão. Este facto, levaria à instalação, na localidade de Megaza, na década sessenta, de uma fábrica de descasque de algodão. O privilégio natural de que o distrito é objecto, com a localização, na área,

de importantes rios, faz com que ele seja, também, uma zona com grandes potencialidades pesqueiras, actividade considerada o único meio de vida da população da localidade de Pinda. A privilegiada situação hidrográfica torna também a cultura do arroz fértil e rentável, particularmente nas áreas de Chire, Megaza e localidade-sede, para além de possibilitar, ainda, a produção de milho, feijão, mapira e mandioca.

Zona de relevo acidentado e com grandes recursos naturais e hidrográficos, o distrito de Morrumbala foi contemplado, no Plano Prospectivo Indicativo, com grandes projectos para o desenvolvimento da cultura do algodão, instalação duma indústria maior do ramo e criação de gado. Aliás, até 1982 a Companhia da Zambézia tinha no distrito mais de treze mil cabeças de bovinos, presentemente tresmalhados na floresta e transformados em bois selvagens.

O que é, hoje, o distrito de Morrumbala?

Em Agosto de 1982, os bandidos armados, apoiados, financiados e treinados pela África do Sul, penetram no distrito e iniciam a sua actividade criminosa de destruição, roubo, assassinato, intimidação e sabotagem.

O balanço da acção criminosa dos bandidos armados soma, até então, a destruição de dezoito viaturas, entre ligeiras e de carga, quinze tractores de rodas, três fábricas, uma serração e sessenta e uma escolas primárias e uma secundária paralisadas. Nove unidades sanitárias ficaram também paralisadas.

Foi a semente da morte, da destruição e da miséria, espalhada pelos destacamentos avançados do «apartheid», dos fiéis servidores do regime do racismo. As estruturas políticas foram intimidadas e obrigadas a abandonar a população. Nesta, são mulheres que hoje não têm orelhas, crianças assassinaadas, jovens convertidas em instrumentos de prazer. É a fábrica de Megaza hoje convertida em escombros, e 14 000 cabeças de gado tres-

malhadas, divagando pela floresta. É o horror das doenças venéreas, espalhadas em jovens criminalmente violadas. É o espectro da nudez, ocasionada pelo assalto a mercadorias, arrombamento e saqueamento de mais de cinquenta lojas. É a instabilidade política, oriunda da intimidação das estruturas e da população.

Mas os bandidos armados mais não fizeram senão revelar a sua verdadeira face. Lançando a semente do ódio das populações, cimentaram a confiança daquelas em torno do Partido Frelimo.

Hoje, Morrumbala é este exemplo de heroísmo e determinação da luta de um Povo, na luta pela defesa da sua independência e soberania. Hoje, Morrumbala é um território onde o bandido armado conhece as derrotas mais vergonhosas. Unida em torno do Partido, apoiando as Forças Armadas, a população de Morrumbala denuncia e colabora na neutralização dos agentes do imperialismo.

Pinda, Megaza, são exemplos vivos e testemunhos do fruto da luta da população do distrito. Zonas outrora ocupadas pelos bandidos armados, hoje são território livre, onde de novo paira o sorriso das crianças, a alegria das mulheres e a vontade férrea de construir um futuro risonho, feliz e próspero. O fundamental, aquilo que marca a população das duas localidades, é o ódio que têm ao inimigo. Em cada gesto, em cada palavra, em cada sorriso, em cada estertor dos lábios da população, está marcado e bem patente o ódio forte ao inimigo, e a vontade férrea de defender aquilo que tão dificilmente foi conquistado: a Independência Nacional e a Liberdade.

Jamais terão lugar as promessas vãs e fúteis dos bandidos armados, jamais encontrarão terreno de acesso as monstruosidades que só a ambição de espíritos sedentos de maldade pode trazer.

O Povo conhece o inimigo, o Povo reconhece na Frelimo o seu guia incontestável e legítimo. O Povo sabe o que quer e, sobretudo, sabe que é independente e livre. Não quer falsidades e promessas de assassinos, criminosos, ladrões, violadores de mulheres, difusores de doenças venéreas e da ignorância, da miséria e da nudez. O Povo quer a Paz, a tranquilidade, para construir um futuro risonho, feliz, próspero e de abundância e fartura.

Morrumbala é esta determinação e consciência de todo o nosso Povo do Rovuma ao Maputo. É o grito de todo o Povo, pela construção da sua felicidade e consolidação da sua independência.

N. 18/1/84